



Cíntia Moscovich: a comida e o feminino judaico em *Por que sou gorda, mamãe?*

Cintia Moscovich: Food and Jewish Femininity at *Why Am I fat, mom?*

Debora Chaimovitch-Yehoshafat*

Universidade Ben Gurion do Negev | Jerusalém, Israel

deborac@post.bgu.ac.il

Resumo: As tradições orais e familiares são costumes e práticas do judaísmo, assim com a comida, o ato de comer em família. A comida permite uma dar uma olhada no cotidiano das pessoas, onde em volta da mesa são transmitidos valores familiares, história coletiva, emoções e traumas. Moscovich, uma escritora judia que considera escrever sobre valores universais, tende a dialogar com os conflitos e traumas dos judeus no Brasil. No seu livro *Por que sou gorda, mamãe?* ela através da voz a protagonista que reflete sobre seu corpo e a herança emocional de sua família. Este conflito está intrinsicamente ligada aos quilos que leva seu corpo. O livro dá voz à mulheres que lidam constantemente com seu papel de mulher, mãe judia e a representação do seu corpo influenciado pelos costumes culinários de sua família.

Palavra-chave: Comida. Feminino judaico. Cíntia Moscovich.

Abstract: Oral and family traditions are customs and practices within Judaism, including the act of family dining. Food provides a glimpse into people's daily lives, where around the table, family values, collective history, emotions, and traumas are transmitted. Moscovich, a Jewish writer exploring universal values, tends to engage with the conflicts and traumas of Jews in Brazil. In her book *Por que sou gorda, mamãe?* she gives voice to the protagonist reflecting on her body and the emotional inheritance from her family. This conflict is intricately linked to the weight she carries. The book amplifies the voices of women navigating their roles as Jewish mothers and the representation of their bodies influenced by family culinary customs.

Keywords: Food. Jewish Feminity. Cíntia Moscovich.

* Mestre em Estudos interdisciplinares Hispânico e América Latina pela Universidade Hebraica de Jerusalém, Israel.



*A gente não quer só comer
A gente quer comer e quer fazer amor
A gente não quer só comer
A gente quer prazer pra aliviar a dor
(Titãs)*

Introdução

O Talmud é um livro com leis, lenda e filosofia baseado na Torah oral que acompanhou a Torah escrita, sendo ambos considerados os alicerces do judaísmo influenciando gerações do povo judeu. Considerado que a Torah oral consiste em leis, regulamentos, decisões, opiniões, ensinamentos éticos transmitidos oralmente por autoridades religiosas, este costume de transmissão oral de costumes e normas de comportamento passa de geração para geração, dos mais velhos para os mais jovens. Assim também Cintia Moscovich em suas obras transmite ao leitor os valores familiares misturados com a história coletiva de seus antepassados. Se o objetivo da história oral era transmitir o significado das palavras, Moscovich reflete sobre estas palavras, mesclando escrita com o corpo. A comida passa a ser não só o sabor e a necessidade de comer mas também uma representação do eu interno, onde nas gorduras pode-se ler o sofrimento do judeu nos campos de concentração, o ato de gostar está ligado com o fato de ser judia, a descoberta do sexo e do brit mila representa um diálogo do que está permitido ou não.

Moscovich em *Por que eu sou gorda, mamãe?* mistura ficção com autobiografia, convidando o leitor a participar de cenas do cotidiano em sua casa, em volta da mesa, e também a ser parte de seu diálogo interno, onde o feminino judaico é expresso através do corpo, da realidade de um corpo "gordo" e das várias tentativas de emagrecer que estão diretamente relacionados com a herança familiar emocional, onde o corpo é um espelho da identidade familiar e coletiva do povo judeu.

Cabe acrescentar que Moscovich descendentes de imigrantes, nascida no Brasil, Rio Grande do Sul faz parte da nova geração que fala a língua local e esta integrada na sociedade brasileira socialmente e psicologicamente, onde na escrita se revela as experiências locais e o conflito com a geração de seus avos e pais.¹

1 A memória culinária

A memória culinária tem sempre um aspecto emocional, que nos remete a casa onde crescemos, e lá desenvolvemos nossos valores identitários que conservamos na vida adulta. Segundo Mintz a comida tem a capacidade de codificar a memória e também

¹ ROZENCHAN, 2006, p. 78.



pode ser usado para 'decodificar' memórias, isto quer dizer que a memória é uma lembrança do que aconteceu no passado em casos de conflitos internos devido o trauma da imigração, o imigrante através da memória recorre a estas lembranças que podem significar uma projeção desejada do passado ou uma forma de amenizar as lembranças negativas.²

Através da análise dos costumes culinários podemos entender melhor como grupos dentro da sociedade manifestam na comida emoções, sistemas de pertinências, significados, relações sociais e sua identidade coletiva.

Segundo o antropólogo Roberto da Matta o alimento diz respeito a todos os seres humanos, é universal, geral; a comida define um domínio de opções, manifesta especificidades, estabelece identidades. Comida é o alimento transformado pela cultura.³

Além disso, as receitas culinárias transmitem as tradições e experiências familiares e coletivas. Moscovich no *O Reino das Cebolas* um pequeno livro de contos, escrito em memória de seu pai Elias Moscovich, traz receitas culinárias, que oferecem práticas de como evitar as lágrimas ao cortar as cebolas. Metaforicamente a autora refere-se ao ato de cortar as cebolas que está repleto de sabor, mas também carregado de lágrimas e sofrimento.

No conto *Sheine Meidale* no *Reino das Cebolas*, a menina explora um relacionamento com Luiz, um goi⁴ que não havia feito o brit milá. Este conto apresenta uma visão inovadora sobre a questão da tradição. A narradora uma mulher judia de sessenta anos relembra que quando era criança era chamada por seu pais de *sheine meidale*. (menina bonita). A menina que joga futebol com os meninos conhece Luiz, filho do zelador do prédio e não judeu. Apesar de *Sheine meidale* estar interessada num garoto de sua classe, Marcio, ela começou a sair com Luiz. *Sheine Meidale* consegue diferenciar sobre a atração física e a curiosidade de adolescente e o sentimento de gostar, ela diz “gostar, gostar mesmo, eu gostava do Marcio, colega de aula, que nunca tinha me dado muita bola. Mas se Luiz queria, por que não ser sua namorada?”⁵. *Sheine Meidale* opta por conhecer, se aventurar com um não judeu em vez de aceitar o fato de Marcio não a querer. A curiosidade de explorar seu corpo e o corpo do outro a levam a descoberta do corpo masculino na figura de Luiz, o que permite a protagonista sentir-se livre da culpa de ser judia. Esta culpa familiar de ser judia e o fato de não querer enfrentar as regras de sua família a levam a manter um relacionamento limitado. Moscovich, neste conto, nos permite refletir o papel da mulher na sociedade de maneira que a protagonista ciente de suas limitações não se

² MINTZ, 2001, p. 33.

³ DA MATTA, 1987, p. 22-23.

⁴ Goi – não judeu

⁵ MOSCOVICH, 2002, p. 54.



deixa encaixar no perfil de “coitadinha”, ou seja, *sheine meidale*, sabe que ter um relacionamento sério com Luiz é contra os princípios e tradições de sua família, então, motivada pela curiosidade de conhecer seu próprio corpo e o corpo do outro, aceita diante das limitações manter um relacionamento com um não judeu visando a experiência da descoberta.

O conto: *A fome e a vontade de comer*, dedicado à mãe da autora, Geni Moscovich, conta a história de uma menina magrinha, Ana. Ela não gostava de comer apesar dos esforços da mãe *cozinheira de mão-cheia, gastava horas na cozinha kneidlach, guefiltefish, varenikes, as mais trabalhosas iguarias que só um iídiche mame em seu desvelo e capaz de elaborar. Um desgosto, ainda mais que comida era coisa sagrada*⁶ Ana quando jovem decidiu morar sozinha e trabalhar, para desgosto de sua mãe, Ana não cozinhava, o ato de cozinhar era uma tradição familiar que via a mulher como boa mãe e cozinheira, para Ana o elo familiar estava relacionado a sua vontade de ajudar financeiramente sua família que passava por dificuldades. Apesar de não cozinhar, Ana passou a sonhar sonhos de glotonaria, onde prepara pratos com muitas calorias para depois comê-los⁷

Segundo Freud, nas interpretações de sonhos, os sonhos vêm da indigestão, no caso de Ana as indigestões eram provocadas pelo ato de comer nos sonhos.⁸

Ana ao contar seus sonhos a sua mãe, está se recorda do sonho do Faraó, as sete vacas magras e as sete gordas, após uma consulta com o Rabino e devido à falta de dinheiro, a mãe resolve que o sonho de Ana sobre comida mostra a solução para a pobreza da família assim eles abrem um restaurante no Bairro do Bom Fim.

Moscovich no conto *A fome e a vontade de comer* revela a tradição judaica existente nas crenças e histórias transmitidas de geração a geração, onde as referências familiares são fortes que serão abordados mais intensamente no livro *Por que sou gorda, mamãe?*.

O título *Por que sou gorda, mamãe?* : possui dois referenciais, a relação ao corpo e o peso, e a figura materna que representa a herança familiar, emotiva. Desde o prólogo do livro a autora já convida o leitor a acompanhar a nova etapa de sua vida, a escrita do livro e os intermináveis regimes, para Moscovich escrever e emagrecer.⁹

A autora revela em seu livro certas informações onde a ficção se mistura com a realidade e a escrita passa a ser um reflexo do seu ser, o ato de escrever pode ser entendido como construir ou desconstruir seu próprio corpo. A protagonista narra

⁶ MOSCOVICH, 2001, p. 81.

⁷ SILVA; SANTOS, 2008, p. 94.

⁸ SILVA; SANTOS, 2008, p. 94.

⁹ MOSCOVICH, 2006, p. 13.



sua tentativa de emagrecer 22 quilos, que simbolicamente expressa sua vontade de contar garfadas como num campo de concentração.¹⁰

A herança judaica e a transmissão de valores através de mulheres da família encontra-se no diálogo entre a avó e a neta: “Ui, que bom, *meinkindale*, você nunca vai passar fome. Eu me assombrei. Porque jamais mesmo, tinha pensado que um dia comida me faltasse.”¹¹

A figura da mãe em *Por que sou gorda, mamãe?* Representa a complexidade da mãe judia, daquela que está sempre sofrendo e expressando isso abertamente, culpando-se e transferindo essa culpa aos filhos, o que é metaforicamente expresso pela protagonista na questão da obesidade. A cozinha é um grande centro de qualquer tradição, sendo a culinária *kosher* a designação que reúne todos aqueles alimentos que obedecem à lei judaica. Para Scliar, o judaísmo, em grande parte, consolidou-se na mesa da cozinha.¹² Através da comida, Moscovich revela seus medos mais profundos, como o amor materno, a dedicação da avó, a relação entre a herança familiar e judia. Nas obras literárias da autora, a figura da mulher e da mãe judia nos permite refletir sobre a condição de ser mulher. Ao nos apresentar o dilema de *Sheine Meidale* sobre a escolha de ter relacionamento amoroso com o “outro”, ou a figura da filha da senhora e de Dona Berta. Essas novas figuras femininas são resultados de conflitos internos que colocam um ponto de interrogação de como a mulher interpreta seu corpo. A protagonista no livro *Por que sou gorda, mamãe?*, nos revela sua condição de ser judia, cenas do cotidiano sempre relacionado à comida, nos leva a conhecer de modo profundo os dilemas e conflitos do feminino judaico. A relação entre mãe e filha é revelada através da alimentação, a obesidade dos três filhos está relacionada a fatores emocionais. O relacionamento com a mãe revela-se tóxico, que a leva a procurar amor e empatia na comida, alimentando o sentimento de culpa. Moscovich nesta novela nos confronta com a obesidade, o que pode ser considerado a expressão física do trauma do holocausto, transferido de uma geração a outra.¹³

“Deixe que lhe pergunte: em que momento a senhora me deu a sua herança? Em que momento a senhora começou a dar o amor à mãe? E quando foi que a senhora conheceu a maldade? Melhor dito: quando foi que a senhora resolveu me sonegar este amor ao qual me habituara em criança, que me fez crescer nessa esquisitice obesa de adulta. Sabe a senhora, mamãe, quantas vezes me senti na solidão miserável de ser filha sem mãe?”¹⁴

2 Representação do corpo

¹⁰ MOSCOVICH, p. 231.

¹¹ MOSCOVICH, p. 92.

¹² LINARDI et al., 2020.

¹³ MOSZCZYNSKA, 2022, p. 22.

¹⁴ MOSCOVICH, 2006, p. 32-33.



Segundo a psicóloga Judith Rabinor em seu artigo *Reclaiming the Body: Anorexia and Bulimia in the Jewish Community*, a maioria das mulheres sentem-se culpadas por toda sua vida quando comem, porém nós nascemos com fome e desde bebês aprendemos a alimentar a fome, o apetite e o desejo. No entanto, mulheres lidam diariamente com a complexa condição de sentir fome e sentir-se culpada, este dilema está baseado em fatores comportamentais, biológicos, genéticos, emocionais e socioculturais.¹⁵

Para Moscovich em *Por que sou gorda, mamãe?* O ato de comer representa a memória do passado que se manifesta nos quilos da protagonista.

“Vovó costumava nos visitar em algumas tardes.... Nessas ocasiões, além das bolsas com roupas, trazia aquela sacola de crochê que, pelos meus cálculos, existia antes mesmo de eu vir ao mundo. A sacola de crochê da vovó era a perturbadora da ordem: ali de dentro ela tirava *varenikes, beigales, montes, knishes, strudels*, um perfume que ia nos buscar no mais remoto quarto da casa.”¹⁶

A avó vinha visitar os netos quando a senhora ia a psicoterapia e trazia com ela os sabores de seu passado, alimentando a memória dos netos, com gostos e histórias de seu passado, onde havia crescido e dos costumes de sua família. A protagonista, a nova geração já nascida no Brasil, segue contando que sua mãe (a senhora) havia ido ao divã, onde a senhora tentava resolver sua frustração culpando a mãe por se sentir assim. A Senhora sentia-se frustrada por sentir-se indesejada, além disso era canhota, o que não era aceitável durante a época que ia na escola, assim a Senhora nasce e cresce num ambiente cheio de traumas, rejeições e neuroses.¹⁷ Dentro desse ambiente após presenciar a discussão entre sua avó e mãe, a protagonista resolve comer uma salada de alface e tomates para enganar a fome.” *Fui verificar meu peso: um quilo e novecentos gramas a menos*”¹⁸ Este comportamento de frustração e o ato de comer sendo bulimia ou anorexia, pode ser um mecanismo de defesa do *mind* que ao lidar com a frustração dos laços familiares mais íntimos opta por uma reação física que influi diretamente no corpo.¹⁹ Rabinor, psicoterapeuta que trabalha com mulheres de modo geral e mulheres judias acredita que todas as mulheres geralmente lidam com distúrbios alimentares, porém as mulheres judias estão expostas a obstáculos únicos e são mais vulneráveis a este aspecto.²⁰ A comida para os judeus sempre teve diversos sentidos ambivalentes que variam desde a sobrevivência e a resiliência, a comida judaica conta a história das festas incluindo as perseguições, as migrações o

¹⁵ RABINOR, 2008, p. 74.

¹⁶ MOSCOVICH, 2006. p. 93.

¹⁷ MOSCOVICH, 2006, p. 96-97.

¹⁸ MOSCOVICH, p. 126.

¹⁹ RABINOR, 2008, p. 75-76.

²⁰ RABINOR, 2008, p. 75-76.



que remete a memória de perdas e esperança, simultaneamente comemorando a continuação da vida. Em *Por que seu gorda, mamãe?*, a protagonista apesar dos conflitos emocionais, existenciais e familiares, vai à academia onde seu joelho se machuca, porém sentindo falta dos exercícios consulta um médico que brincou com ela que a hipochondria união entre eles.²¹ A vontade de seguir a vida encontra obstáculos no comer emocional, na herança de seus antepassados que seguem nutrindo seu corpo e modulando sua identidade.

3 Ato de comer emocional

Comer possui uma carga efetiva e familiar, Moscovich em seu texto apresenta um mosaico familiar e cultural, relatando a vida dos imigrantes judeus chegados da Europa Oriental ao Brasil, da adaptação ao país e da formação de uma geração já nascida e adaptada aos valores brasileiros, estes protagonistas representando o mosaico cultural dialoga os valores da tradição repensando o modo de ser judeu no Brasil. No livro *Por que sou gorda, mamãe?*, a narradora-protagonista da obra repensa seus valores judaicos expressados no corpo considerando que o judaísmo é uma espécie de herança imposta pelas gerações da família. “Meu metabolismo sempre funcionou bem, obrigada – e esse é o único determinante de obesidade do qual me escapo. Simplificando: sou gorda porque como e porque minha conformação genética quer assim.”²²

A protagonista do livro associa o ato de comer como uma punição, um reflexo de seu sofrimento, uma resposta a sua herança familiar, a genética. Médicos acreditam que a obesidade é um problema de saúde e está associada a predisponentes genéticos e ambientais, mas também relacionado a fatores mentais e emocionais onde as crenças são desenvolvidas na infância a partir da predisposição genética para determinados traços de personalidade e da interação com pessoas significativas. Muitas vezes, mulheres utilizam o ato de comer em excesso como estratégia compensatória, o que pode gerar um alívio imediato e, posteriormente, um sentimento de culpa.²³

Segundo estudos sobre obesidade, as mulheres são as que mais sofrem com o aumento de peso em todo o mundo; ela come em exagero como recurso compensatório para situações de tristeza, depressão, ansiedade e raiva. Existem casos em que os pais utilizam a comida como reguladora das emoções de seus filhos e no caso da obesidade, existe uma tendência em associar emoções negativas ao ato de comer. Para os obesos, a comida vem a preencher os sentimentos de falta, vazio²⁴. Como no caso da filha da senhora: “A senhora me diz, mamãe, que eu vou me arrepender por não ter filhos. Você precisa de um filho, nem que seja para ter alguém com quem brigar. A

²¹ MOSCOVICH, 2006, p. 142.

²² MOSCOVICH, 2006, p. 16.

²³ DE MATOS; MACHADO; HENTSCHKE, 2020, p. 43.

²⁴ DE MATOS; MACHADO; HENTSCHKE, 2020, p. 43.



senhora acredita na intimidade que se funda na discórdia, nos sentimentos que a quebra da harmonia concede."²⁵

Através da figura da senhora, Moscovich nos apresenta, dentro do contexto da comida, a transmissão de valores judaicos e familiares à nova geração, que por final virá a questionar quem é ela mesma. Porém, para os obesos, o sentimento de culpa após comer e os pensamentos inadequados podem contribuir para a manutenção da obesidade. Portanto, os pensamentos disfuncionais acerca do peso, da alimentação e do valor pessoal podem desencadear sentimentos e comportamentos inadequados em indivíduos obesos.²⁶

O comer emocional pode ser definido como uma tendência a comer demasiado devido a emoções negativas, como ansiedade e irritabilidade.²⁷ Estudos mostram que o comer emocional está relacionado ao sentimento de culpa que influenciam no comportamento das pessoas. Ademais, existem pessoas que, inconscientemente, comem demasiado para suprimir as emoções negativas.²⁸ Mas não é o caso da protagonista do livro *Por que sou gorda, mamãe?*, que nos convida a estar presente na mesa familiar, onde, regularmente o tema da comida está ligado ao hábito de comer em família, referindo-se, nas entrelinhas, aos costumes e traumas pelos quais passaram os antepassados de sua família – composta por avós maternos e paternos imigrantes que chegaram ao Brasil no início do século XX.

"Para quem vem de uma família que, nos miseráveis e congelados vilarejos da Europa, passou fome de comer só repolho ou só batata, para a qual, naqueles *shtetls*, carne era uma abstração que os dentes nem conhecem e que se acostumou a aplacar o oco do estômago com sopa de beterraba ou com aquele *meme ligue*, que nada mais era do que um mingau meio insosso de farinha de milho e água, a obsessão por comida nada tem, ou nada deveria ter, de extraordinário. Vovó magra, assim como todas as avós, acreditava que a comida era um milagre capaz de moldar crianças em adultos: um homem e o peso daquilo que come, e uma boa refeição vale a preceptor um dia a mais na vida."²⁹

Este comportamento vicioso de comer emocionalmente pode estar ligado diretamente com o dilema sobre: "Será que meu corpo é o espelho do que sou?? Qual é a minha identidade judaica?", a família, a genética, é algo herdado. O judaísmo herdado dos avós imigrantes, que conservaram seus costumes e paradoxalmente a integração no Brasil, permitiu aos netos (a segunda geração nascida no Brasil) confrontar-se com esses costumes, podendo gerar uma reflexão mais profunda sobre

²⁵ MOSCOVICH, 2006, p. 140.

²⁶ DE MATOS; MACHADO; HENTSCHKE, 2020, p. 43.

²⁷ ADRIAANSE; RIDDER; EVERS, 2011, p. 23.

²⁸ ADRIAANSE; RIDDER; EVERS, 2011, p. 36.

²⁹ MOSCOVICH, 2006, p. 21.



o seu ser judeu. Portanto, o passado reflete no presente através da escavação arqueológica de sua família, contando fatos, conservando a língua *yiddish* e costumes judaicos. Esse diálogo entre gerações promove o questionamento da sua condição de mulher e judia. Em *Por que sou gorda, mamãe?*, a protagonista atribui ao aumento do peso uma discussão de valores, uma tentativa de responder à pergunta: “Quem sou eu?”, quando afirma: “meu corpo e minha consciência se divorciaram”³⁰. Principalmente na novela *Por que sou gorda, mamãe?*, Moscovich aborda e lida com questões do passado expressadas fisicamente no corpo feminino enfatizando a ansiedade que causa a obesidade.³¹

4 Comer para aliviar a dor

Para pesquisadores antropólogos existe uma analogia entre a comida e a comunicação, através desta perspectiva, surge o conceito de voz da comida, the food voice, que refere-se ao caráter dinâmico, criativo, simbólico de que a comida é um veículo para manifestar significados, emoções, visões de mundo, identidades e também um modo de transformar, através de resoluções de conflitos.³²

“Os hábitos alimentares podem mudar inteiramente quando crescemos, mas a memória e o peso do primeiro aprendizado alimentar e algumas das formas sociais aprendidas através dele permanecem, talvez para sempre, em nossa consciência”.³³

As gerações mais modernas escrevem sobre a identidade judaica, reinterpretando esta questão, no caso de Cíntia Moscovich a comida é um veículo para manifestar significados, emoções, visões de mundo, identidades e também uma forma de inovar a tradição.³⁴ Um outro modo de interpretar o ser judeu do ponto de vista feminino.

Sendo Moscovich uma escritora que nos surpreende com sua imaginação e criatividade, a família judia em seus textos reflete o judaísmo em transição, o conflito entre gerações, os casamentos mistos e o judaísmo feminino. O conto O telhado e o Violinista que conta a história de uma família judia composta pela avó, pai, mãe e filhos onde a protagonista já adulta focaliza uma cena de infância onde sofreu discriminação, no entanto, neste conto a mãe resolve liberar a filha, já a terceira geração de imigrantes de uma obrigação de lembrar.³⁵ Entre tradição e inovação a comida é sempre um marcador judaico na obra de Moscovici, a reunião familiar em torno de comidas nos revela os laços familiares e seus conflitos.³⁶ Nestes encontros, Moscovich reflete sobre a transmissão do judaísmo, enfocando a fome como um

³⁰ MOSCOVICH, 2006, p. 14.

³¹ MOSZCYNKA, 2022, p. 25.

³² MINTZ, 1997. p. 96.

³³ MINTZ, 1997. p. 96.

³⁴ ROZENCHAN, 2005, p. 152

³⁵ WALDMAN, 2016, p. 6.

³⁶ WALDMAN, p. 7.



componente que explica a mania da mesa farta e por outro lado uma espécie de armazenamento de reservas para os dias de vaca magras.³⁷ No livro *Por que sou gorda, mamãe?*, refere-se a comida e a gordura, um romance autobiográfico que Moscovich recria o passado onde a protagonista busca explicações para sua gordura.³⁸

Conclusão

Moscovich sendo descendente de imigrantes, vivendo no Rio Grande do Sul e socialmente integrada em sua escrita ela dialoga com o conflito entre gerações devido a nova interpretação que suas protagonistas mulheres entendem a realidade do cotidiano de famílias judias no Brasil. Através da comida, uma característica típica do judaísmo, onde as tradições culinárias são transmitidas de uma geração para outra, Moscovich revela no papel da protagonista de *Por que eu sou gorda, mamãe?*, um drama familiar, onde o ato de comer ou não comer está relacionado com o comer emocional para amenizar a dor de sua existência. A relação entre comida e o feminino judaico é visível nos textos de Moscovich através de suas personagens que dialogam com seus limites confrontando as vezes as tradições familiares e coletivas para expressar sua liberdade.

Referências

MOSCOVICH, Cintia. *Por que sou gorda, mamãe?* Rio de Janeiro, São Paulo: Editora Record, 2006.

MOSCOVICH, Cintia. *O reino da cebolas: contos e narrativas*. São Paulo: L&PM, 2002.

DA MATTA, Roberto. *Sobre o simbolismo da comida no Brasil*. O Correio da Unesco v.15/7, 1987

DE-MATOS, Bárbara Wolff, Laura Morais Machado, and Guilherme Scotta Hentschke. Aspectos Psicológicos Relacionados à Obesidade: Relato de Caso. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas* 16, no. 1 (2020): 42–49. <https://doi.org/10.5935/1808-5687.20200007>.

LINARDI, Frederico Dollo *et al.* A condição judaica no processo de criação literária de Cíntia Moscovich e Michel Laub." *Letras de Hoje*, v. 55, n. 2, 2020.

ADRIAANSE, Marieke A. *et al.* Emotional eating: Eating when emotional or emotional about eating?, *Psychology & Health*, v. 26, n. 1, 23-39.

MINTZ, Sidney W. "Comida e Antropologia Uma Breve Revisão." *Revista Brasileira*

³⁷ WALDMAN, p. 8.

³⁸ WALDMAN, p. 9.



De Ciências Sociais, v. 16, n. 47, 2001.

MOSZCZYŃSKA, J. (2022). Jewish Brazilian Post-Holocaust Fiction: The Body as a Source of Polymorphous Memory Discourse in Cíntia Moscovich's *Por que sou gorda, mamãe?*. *Latin American Jewish Studies*, v. 1, n. 1, p. 21-34.

RABINOR, Judith. Reclaiming the Body: Anorexia and Bulimia in the Jewish Community. *Jewish Choices, Jewish Voices: Body*, p. 74-80, 2008.

ROZENCHAN, N. Cíntia Moscovich's Brazilian View on Jewish Literary Themes. *Journal for the Study of Religion*, v. 19, n. 2, p. 77-86, 2007.

SILVA, V. G. e; SANTOS, J. N. dos. Resistência e renovação: a escrita e a comida em Cíntia Moscovich. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 92-98, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/13968>. Acesso em: 2 out. 2023.

WALDMAN, B. Comida, família e escritura na ficção de Cíntia Moscovich. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*, Belo Horizonte, v. 10, n. 19, p. 2-18, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/maaravi/article/view/14337>. Acesso em: 2 out. 2023

Recebido em: 30/09/2023.

Aprovado em: 12/12/2023.